

O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL FRENTE AOS DESAFIOS DAS VARIÁVEIS DO CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E DA PERDA PARENTAL

2014

Ana Carla Gomes Toledo

Thayane Silva Aguiar Henrique

Graduandas do Curso de Psicologia na União de Ensino Superior de Viçosa (UNIVIÇOSA) da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde (FACISA) de Viçosa-MG

Fabiana Teixeira

Psicóloga e Professora de Psicologia na União de Ensino Superior de Viçosa (UNIVIÇOSA) da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde (FACISA) de Viçosa-MG

E-mail de contato:

thayaneahenrique@hotmail.com

RESUMO

Este artigo buscou revisar a literatura sobre duas variáveis que podem influenciar no processo de orientação profissional: A variável do contexto socioeconômico, considerando que as condições e o contexto socioeconômico podem fazer com que o adolescente pense em uma profissão que lhe trará maior retorno financeiro e a variável da perda parental, considerando a reconhecida importância da família, sobretudo dos pais, no desenvolvimento vocacional do adolescente. O artigo objetiva ainda, ressaltar os desafios do profissional frente ao processo de orientação ao se deparar com estes contextos em que o orientando está inserido, bem como contribuir com uma sistematização da produção do conhecimento sobre o tema.

Palavras-chave: Adolescência, contexto socioeconômico, orientação profissional, perda parental



INTRODUÇÃO

Dentro de uma perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner e Morris, 1998 apud Cecconello e Koller, 2000), o desenvolvimento é considerado como um envolvimento dinâmico de interações entre o homem e o ambiente. Nesta perspectiva, atualmente, várias pesquisas apontam para aspectos do meio-ambiente que devem ser considerados para o entendimento dos processos adaptativos dos indivíduos no curso de suas vidas (Masten e Coatsworth, 1995; Rutter, 1996 apud Cecconello e Koller, 2000).

A escolha de qual profissão seguir no futuro, é um processo em que há variáveis implicadas, diversas e complexas. Entre os fatores envolvidos no maior ou menor sucesso e adequação da escolha vocacional estão os fatores psicológicos, familiares, educacionais, sociais, econômicos e políticos. No que se refere às variáveis psicológicas envolvidas no processo são: interesses, habilidades, traços de personalidade, valores e expectativas individuais em relação ao futuro profissional e a maturidade para realizar a escolha da atividade de trabalho (SILVA, 2008).

A Orientação Profissional no Brasil, mais conhecida como Orientação Vocacional (OV), ficou historicamente marcada por ser uma prática vinculada a psicometria, aplicada de forma individual e como principal população alvo o jovem de classe média e alta, que desejava ingressar num curso superior e tinha dúvidas com relação a essa escolha. Os modelos de Orientação Profissional porém, mais utilizados no Brasil são embasados na realidade de jovens de classe média e alta; faltando, dessa forma, mais pesquisas, teorias e modelos que correspondam à realidade dessa população socioeconomicamente desfavorecida concentrada principalmente nas escolas públicas, ou ainda fora delas; e que pede mais do que uma Orientação Profissional para a escolha de um curso superior (RIBEIRO, 2003).

Para Erikson (1976) apud Spaccaquerche e Fortim (2010), a adolescência é um período que pode desencadear o aparecimento de uma crise psicológica onde ocorrem diversas reorganizações na identidade do sujeito, sendo fundamentais para a construção da personalidade e a transição para o mundo adulto.

O momento de decisão da escolha da profissão ocorre geralmente na adolescência, uma etapa cheia de turbulência e de indefinição da própria identidade, com situações de indecisões, e neste momento cobra-se do adolescente a escolha profissional com o peso de ser, a princípio, para toda a vida (BOHOSLAVSKY, 1991 apud SILVA, 2008).

Levenfus e Soares (2010) ressaltam que apesar da “crise” e dos conflitos, todo adolescente é capaz de escolher. Para isso, é necessário que ele se conheça, conhecendo seus



gostos, interesses e expectativas e se motive a buscar informações a respeito de seu desejo quanto à escolha profissional.

Silva (2008) cita as etapas que os adolescentes passam para conquistar a identidade ocupacional de acordo com Bohoslavsky (1991): escolha fantasiada, tentativa de escolha e escolha realista. Ao vivenciar essas etapas, segundo o autor, o adolescente passa de uma situação em que a vocação é determinada pela fantasia e necessidades básicas da criança, para outra, em que já se permite cogitar interesses pessoais em relação a oportunidades reais, até chegar à etapa realista, na qual se cristaliza um vínculo com uma área determinada da realidade que corresponda a interesses e inclinações pessoais.

De acordo com Santos (2005), a definição de uma identidade ocupacional que se dá no período de inúmeras mudanças tal maneira que o momento de uma escolha profissional parece decisivo na vida de um adolescente. A escolha é parte da definição da identidade ocupacional e uma opção que, na visão do adolescente, norteará os caminhos a serem percorridos e as escolhas futuras.

No momento de escolher, decidimos por uma opção e renunciamos a outras, esta escolha implica em deixar para trás as opções que ficaram de fora. Santos (2005) cita Levenfus (1997) que considera que esta escolha configura também como uma despedida, um luto.

Deve-se, portanto, situar sempre a adolescência e/ou juventude, no contexto das condições sócio-históricas que definem sua especificidade enquanto objeto de estudo (DADOORIAN, 2000; AGUIAR, BOCK & OZELLA, 2001).

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho foi realizado a partir da revisão bibliográfica, com ênfase na pesquisa qualitativa, pela realização de análise documental e revisão de periódicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contexto Socioeconômico:

No período de fazer sua primeira escolha profissional, imaginando que será a sua única oportunidade, sendo um caminho sem volta, gera a ansiedade e a insegurança nos orientandos. As condições socioeconômicas fazem com que o adolescente às vezes pense em uma profissão que lhe trará maior retorno financeiro e não de sua realização pessoal como profissional (FERNANDES et. al., 2011).



De acordo com os autores, sempre vai existir a possibilidade de mudar de profissão. É impossível que exista o chamado “caminho certo”. Este deve indicar uma direção em que o sujeito está feliz fazendo o que realmente gosta.

A questão da escolha na orientação profissional é um assunto presente no meio escolar. Essa é uma discussão, que precisa acontecer tanto nos ambientes de ensinos públicos como nos privados, porém as demandas são diferentes, devido as influencias vivenciada pelo aluno, a cultura, ao meio social em que este está inserido, sendo assim, os orientadores tem que saber dessas diferenças, e ter diferentes formas de trabalhar de acordo com a realidade dos orientandos, para que possa ser feito um bom trabalho (LEVENFUS; SOARES, 2010).

Os autores cita Folberg (1986) ressaltando que:

“O orientador deve desempenhar o papel daquele que percebe o aluno como um todo, como um ser em evolução, em marcha para a maturidade. Volta-se para a realidade biológica, social, psicológica e vocacional do orientando e ajuda-o a melhor realizar-se e integrar-se no processo geral do viver como autentico cidadão, no contexto social em que tem de atuar” (FOLBERG, 1986 apud LEVENFUS; SOARES, 2010).

Os adolescentes procuram estudar ou são incentivados ao mesmo, pois buscam na escola, nos estudos uma forma de viver melhor, eles o fazem com a intenção de ter um futuro promissor uma vida de sucesso. A sociedade de certa forma “impõe” que os jovens escolham suas profissões e trabalhem nela o resta da vida e está tem que ser uma “boa” profissão, que valorize, de dinheiro e ainda por cima o faça feliz, talvez este seja o grande medo na escolha da profissão. O jovem deve ser questionado sobre a realidade que vivemos com relação ao trabalho não apenas copiar a dita “eficiência” que já existe (FERNANDES et. al., 2011).

Nesta fase o adolescente precisa da maturidade adquirida na vivência interpessoal para aceitar sua independência infantil, sem assumir a independência adulta evitando assim sentimentos de angústia e fracasso. Segundo Aberastury e Knobel (1984) o adolescente necessita da maturidade adquirida nesta vivência para que aceite ser independente dentro de um limite de necessária dependência.

Ribeiro (2003) em uma pesquisa realizada com alunos de várias escolas públicas de uma periferia que cursavam o final do ensino médio mostrou que no âmbito das aspirações subjetivas as principais demandas levantadas pelos apontam para a exploração e o conhecimento de possibilidades concretas de inserção no mundo do trabalho, que parecem ser informações que não estão acessíveis a eles, parecendo faltar aos sujeitos uma referência de como explorar as

possibilidades no mundo do trabalho e de como relacionar suas características pessoais e sociais a essas possibilidades.

Em uma pesquisa feita numa escola particular, Crestani apud Levendus e Soares (2010), observou que a preocupação se concentra no desempenho dos alunos frente ao desafio dos exames vestibulares. São poucas as escolas que tem na grade curricular o Processo de Orientação Profissional, focando mas no resultado final, que seus alunos passem no vestibular, mas sem se preocuparem muito com as escolhas feitas por eles.

Para Levenfus e Soares (2010) a posição socioeconômica da família influi diretamente no desenvolvimento vocacional do jovem no sentido de oferecer maiores ou menores possibilidades educacionais. Nas classes sociais mais favorecidas, há uma maior preocupação com o desenvolvimento pessoal do jovem e também um direcionamento para satisfação pessoal e preocupação com o padrão financeiro.

O significado da palavra sucesso não é algo comum para todos. Tem aqueles que pensam que ter sucesso é ter o emprego que mais lhe dará retorno financeiro, mesmo sendo algo que não goste, outros pensam que o sucesso é alcançado quando você fazendo o que gosta, consegue ter também o retorno que te satisfaz. E é importante observar como os pais lidam com o sucesso em relação aos filhos, e quais são seus valores nesse quesito (SPACCAQUERCHE; FORTIM, 2010).

Aberastury e Knobel (1984) afirmam: *“o jovem, ao se deparar com o momento da escolha de uma profissão, tem que levar em consideração tanto a questão do mercado de trabalho e sua colocação neste, quanto suas preferências individuais e expectativas da família, entre outros fatores”*.

Em se tratando de realizar o processo de orientação profissional com alunos de tanto nas escolas públicas como nas privadas, um desafio a ser considerado diz respeito ao enfrentamento da diferença: caberá ao orientador saber lidar com as possíveis diferenças quanto a realidade social de seus orientandos, sem escamoteá-las em nome de um discurso falsamente democrático em que se mistifica a “igualdade de oportunidades” em uma sociedade marcada, o tempo todo, pela exclusão. Em contrapartida caberá ao orientador, igualmente, conseguir se deparar com seus próprios pré-conceitos e com representações construídas a respeito de tais diferenças. Resulta daí que, não obstante muitas carências não sejam apenas supostas, e o orientador profissional terá de apontá-las em algum momento (como quando se depara, por exemplo, com deficiências graves no uso da língua em um orientando que pretende cursar direito ou jornalismo), não será ele, fazendo coro ao conjunto das profecias autorrealizadoras de sucesso ou de fracasso, a definir o “melhor caminho” para a escolha de seus orientandos, tendo em vista suas condições de ordem cognitiva e socioeconômica. Nem será sua missão de preencher as faltas com algo instituído a partir de seu imaginário (LEVENFUS, SOARES & COL; 2010).



Isso posto, para Levenfus, Soares & Col. (2010) parece-nos inevitável manter-se sempre aberto, tanto para poder ouvir (e suportar o que escuta) quanto para poder, junto aos orientandos, analisar – de modo realista – as condições existentes para a realização de uma escolha satisfatória e as possibilidades de superação de eventuais dificuldades.

“Há que se considerar ainda, como principal desafio a ser assumido o crescente abandono com as instituições públicas em nosso país, a desistência dos professores frente as péssimas condições de trabalho e de seus alunos visto como “aqueles que não tem mais jeito”, e o pior, a desistência dos próprios alunos que malgrado de tantas expectativas, frente aos consecutivos fracasso e a falta de perspectivas (por vezes, apenas imaginada), desistem dos estudos em busca de um emprego que lhes garanta sobrevivência. (LEVENFUS, SOARES & COL; 2010).”

O processo de orientação profissional realizado com alunos de escolas públicas, em um momento ou outro, terá que se defrontar com isso. Diante dessa possível realidade da evasão de corpos e de desejos, resta ao orientador criar a oportunidade e mobilizar a coragem necessária para sonhar, e por que não, concretizar um outro cenário em que o ato de escolher, não fique restrito a condição de falta de escolha e em que a aposta em um projeto de vida possa se fazer valer (LEVENFUS, SOARES & COL; 2010).

Perda Parental:

Sabe-se que quando a perda parental ocorre na infância, à criança pode não ter um luto adequado e, mais tarde, com frequência, apresentará sintomas de depressão ou de inabilidade para relacionamentos próximos na vida adulta (WORDEN, 1998 apud LEVENFUS, SOARES & COL; 2010). Para Bowlby (1973) a morte de genitores pode afetar o desenvolvimento infantil tanto a curto quanto a longo prazo, já que o rompimento de um vínculo por morte exige uma reorganização emocional por parte da criança e da família. A separação por morte configura-se em potencial estressor para a criança, podendo colocar em risco a sua segurança e sobrevivência emocional, quando não também a material (FRANCO E MAZORRA, 2007 apud ANTON E FAVERO, (s/d)).

Para Kinijnik & Zavaschi (1994) no rol de tipos de perdas por morte que podem acometer indivíduos ou grupos populacionais encontrasse o que denominamos neste artigo de morte repentina, ou seja, aquela que ocorre de forma súbita e inesperada. Inclui-se aqui: acidentes diversos, homicídios, suicídios, latrocínio, infarto fulminante, AVC, desastres naturais ou humanamente induzidos, dentre outros. Entende-se que a morte repentina de um genitor diferenciase em seu impacto sobre a vida e a estrutura emocional da criança, em relação às



mortes que possam ser esperadas ou até mesmo compreendidas como resultado do ciclo vital. Isto porque estas perdas abruptas, ocorridas de forma acidental ou intencional, quase sempre têm um carácter traumático para os familiares sobreviventes e mais ainda para as crianças.

As perdas repentinas, violentas e prematuras podem ser consideradas dentre as mais difíceis de serem elaboradas. A morte repentina de um genitor gera, ainda, uma série de mudanças que ultrapassam o desaparecimento da pessoa. Com a morte de um dos genitores a criança perde também os pais da forma como eram anteriormente, já que o sobre vivente também se modifica em seus aspectos emocionais, comportamentais e nos papéis que necessitam ser readaptados. Assim, segundo o autor, a criança é submetida a uma tarefa ainda mais complexa que a do adulto, pois a perda a priva também de uma base segura e de identificação. Seu referencial em relação àqueles que sobreviveram é alterado, a medida que estes também encontram-se enlutados e, portanto, modificados em sua forma de se expressar e agir. Desta forma, com a morte de um genitor, a criança perde também o mundo que ela conhecia, tornando-se difícil lidar com toda a gama de sentimentos que a invadem com o desmoronamento da família (Domingos & Maluf, 2003; Franco, 2005; Franco & Mazorra, 2007; Raimbault, 1979).

Com relação aos adolescentes, conforme Riera (1998), estes são especialmente vulneráveis a morte de alguém querido, por causa de todos os horizontes conflitantes da adolescência e da interdependência entre os membros da família. Especialmente no caso da morte de um dos pais, o adolescente é afetado não apenas pela perda emocional significativa, como também pela mudança na responsabilidade familiar e na vida cotidiana. Para Levenfus, Soares & Col. (2010) o modo como o adolescente reage a morte depende de diversos fatores: seu relacionamento com a pessoa que morreu, sua experiência anterior com a morte, o tipo de morte (súbita ou prolongada), as reações das pessoas à sua volta e sua personalidade básica.

Investigando sobre a psicodinâmica das relações pais-filhos influenciando processos de escolha, Levenfus e Nunes (2002) apud Almeida e Silva (2011) identificaram que adolescentes com perda parental apresentavam questões que os remetiam à perda da figura de referência e que necessitavam ser elaboradas, para que lhes fosse possível investir psiquicamente na escolha profissional.

Segundo Levenfus, Soares & Col. (2010) a partir de pesquisas realizadas as principais características apresentadas em Orientação Profissional por jovens com perda parental estão relacionadas ao pessimismo quanto ao mercado de trabalho além de baixa auto-estima.

Os interesses profissionais frente ao luto do adolescente para García (1999) supõe que alguns desses interesses venham dizer de uma busca de um reencontro de algo que gostaria de ter ou ser e que não possui. Falta-lhe na fantasia porque sente que perdeu esse atributo, que certa vez, possuía. A escolha da carreira seria uma situação em que se vive essa ânsia por completar-



se e implica a recuperação dos afetos e dos objetos que sente perdidos; portanto, evoca capacidade de reparação e elaboração de lutos.

Adolescentes deste grupo de pesquisa apresentaram ainda busca ativa de informações, no entanto, elas foram reveladas de forma superficial. Referem desejo de obter mais informações demonstrando consciência do despreparo. (LEVENFUS, SOARES & COL; 2010).

“Uma pesquisa realizada por Frischenbruder (1999) revelou que estados depressivos nos adolescentes que buscam escolher a profissão estão associados a pouca informação vocacional, a menor satisfação com a informação profissional obtida no processo exploratório, a menor certeza de suas preferências vocacionais, a menor percepção das semelhanças entre suas opções profissionais e as possibilidades de trabalho oferecidas no mercado e a uma exploração do self, e do meio realizada de forma assistemática” (LEVENFUS, SOARES & COL; 2010).

CONCLUSÃO

Apesar do número pequeno de publicações no Brasil encontradas, O panorama sobre as publicações da área, segundo diferentes referenciais teóricos, revelam que o contexto socioeconômico e a perda parental são variáveis de influência e atuam possibilitando, impossibilitando ou mesmo limitando o desenvolvimento vocacional dos adolescentes e, mais particularmente, o processo da escolha da carreira.

Cabe ressaltar que, como referido nos artigos revisados, à perda de genitores por morte repentina pode ter inúmeras consequências a curto, médio e longo prazo, inclusive no processo de escolha da profissão futura do adolescente.

Para Hissa e Almeida (2000) surgem novos caminhos que exigem adaptações para acompanhar a realidade sociocultural e econômica, sendo imprescindível ter uma ação em orientação profissional que atenda às necessidades atuais frente aos impactos ocorridos nas instituições, nas pessoas e na sociedade como um todo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W. M. J, BOCK, A. M. B. e OZELLA, S. *A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica*. In: A. M. B. Bock (Org.), *Psicologia Sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2001. p.129-140

ALMEIDA, F. H.; MELO-SILVA, L. L. *Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura*. *Psico-USF*. 2011, vol.16, n.1

ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. *Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional*. *Psicol. clin.* 2008, vol.20, n.2.

ALVES, D. P. B.; SILVA, L. L. M. *Maturidade ou imaturidade na escolha da carreira: Uma abordagem psicodinâmica*. *Avaliação Psicológica*, vol. 7, n. 1, pp.23-34. Universidade Federal de São Paulo, 2008.

ANTON, M. C; FAVERO, E. **Morte Repentina de Genitores e Luto Infantil: Uma Revisão da Literatura em Periódicos Científicos Brasileiros**. *Interação Psicol.*,15(1),(s/d).

BOWLBY, JOHN. (1993). *Perda, tristeza e depressão*. Em J. Bowlby (Org.), *Apego e perda*: Vol. 3.(L. H. B. Hegenberg & M. Hegenberg, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1973)

DADOORIAN, D. *Pronta para voar: um novo olhar sobre a gravidez na adolescência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DOMINGOS, B., & MALUF, M. R. *Experiência de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 2003.



FERNANDES, B. et. al. *Influências no processo de orientação profissional*. Psicologia.PT. O portal dos psicólogos. Fevereiro/2012. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0264.pdf>. Acesso em: 14/11/2014.

FERRETTI, C.J. *Opção: Trabalho*. São Paulo: Cortez, 1998.

FRANCO, M. H. P. *Atendimento psicológico para emergências em aviação: A teoria revista na prática*. Estudos de Psicologia, 10, 2005.

FRANCO, M. H. P., & MAZORRA, L. *Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor*. Estudos de Psicologia, 24, 2007.

HISSA, M. G.; ALMEIDA, M. *Profissão: um projeto sempre em construção- perspectivas da orientação profissional no século XXI*. Trabalho apresentado na I Jornada Norte- Nordeste de Orientação Profissional/ABOP, Recife, 2000.

KNIJNIK, J., & ZAVASCHI, M. L. S. *Fatores de risco associados à perda parental na infância que dificultam a elaboração do luto*. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 16, 1994.

LEVENFUS, R. S. ; SOARES, D. H. P.; & Col. *Orientação Vocacional Ocupacional*. Editora Artmed, Ed. 2, 2010.

PELLETIER, D. (1981). *Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal*. Petrópolis, RJ: Vozes.

RIBEIRO, M. A.. *Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas*. Rev. bras. orientac. prof [online]. 2003, vol.4, n.1-2, pp. 141-151. ISSN 1679-3390

RIERA, M. *Filhos adolescentes*. São Paulo, Summus, 1998.



SANTOS, L. M. M. *O papel da família e dos pares na escolha profissional*. Psicologia em Estudo. Vol. 10, n.1, p. 57-66. Maringá, 2005.

SPACCAQUERCHE, M. E.; FORTIM, I. *Orientação Profissional passo a passo*. 2ª edição, Ed. paulus. São Paulo, 2010.

